

## **SOBRE A NASAL PALATAL /ɲ/ DA BASE E OS VOCÁBULOS TERMINADOS EM - INHO**

SOBRE LA NASAL PALATAL /ɲ/ DE LA BASE Y LAS PALABRAS ACABADAS EN - INHO

ON THE PALATAL NASAL /ɲ/ OF THE BASE AND THE WORDS ENDING IN - INHO

**Cíntia da Costa Alcântara\*\***

Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, BR

**RESUMO:** Este estudo concerne aos vocábulos não derivados do português que portam a soante palatal /ɲ/ (cf. *tamanho*, *medonho*, *manha*) e às suas formas derivadas em *-inho(a)* (cf. *tama[i]inho* (~ *tamaninho*), *medo[i]inho* (medoninho?), *ma[i]inha* (maninha?)). Defende-se que em tais contextos existem evidências acerca da informação da nasal palatal da forma base, a exemplo do diminutivo de *ranho* – [rã̃ ĩɲu], o qual não é confundido com o diminutivo de *raio* – [rã ĩɲu]. Interpreta-se, pois, à luz de Wetzels (1997; 2000), a manutenção do traço nasal em vocábulos derivados, cujas formas base carregam /ɲ/, como uma evidência da nasal geminada. Utiliza-se o *software* PRAAT, versão 5.3 (BOERSMA e WEENINCK, 2013) para tentar explicar esse fenômeno sob o enfoque da fonética acústica. Os resultados obtidos acenam para a relevância de uma análise experimental, a fim de que hipóteses teóricas sejam testadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise acústica; fonologia não-linear; morfologia.

**RESUMEN:** Este trabajo concierne a las palabras del portugués que contienen la nasal palatal /ɲ/ (cf. *tamanho*, *medonho*, *manha*) y también a sus derivados con el sufijo *-inho(a)* (cf. *tama[i]inho* (~ *tamaninho*), *medo[i]inho* (medoninho?), *ma[i]inha* (maninha?)). Se considera en estos mismos contextos tener evidencias relativamente a la información de la nasal palatal de la base, como en el ejemplo del diminutivo de la palabra *ranho* – [rã̃ ĩɲu], lo cual no se confunde con el diminutivo de *raio* – [rã ĩɲu]. Se interpreta, por lo tanto, a la luz de Wetzels (1997; 2000), la permanencia del rasgo nasal en las palabras derivadas cuyas bases contienen /ɲ/ como una evidencia de la nasal palatal geminada. Así, con la ayuda de lo *software* PRAAT, versión 5.3 (BOERSMA y WEENINCK, 2013) se intenta explicar esto fenómeno desde el punto de vista de la fonética acústica. Los resultados obtenidos señalan la importancia de un análisis experimental, para posibilitar la verificación de hipótesis teóricas.

**PALABRAS-CLAVE:** Análisis acústico; fonología non lineal; morfología.

**ABSTRACT:** This study concerns Portuguese non derived words which have a nasal consonant /ɲ/ (cf. *tamanho*, *medonho*, *aranha*, *manha*) and its derived forms in *-inho(a)* – *tama[i]inho* (~ *tamaninho*), *medo[i]inho* (medoninho?), *ma[i]inha* (maninha?). It is advocated that in such contexts there is evidence about the palatal nasal information of base forms. The word *ranho*, which derived form is [rã̃ ĩɲu] is not misinterpreted as the derived form [rã ĩɲu] of the word *raio*. We interpret, in the light of Wetzels (1997; 2000), the maintenance in derived words of nasal feature of the base as an evidence of the geminate nasal. We use software PRAAT, 5.3 version (BOERSMA and WEENINCK, 2013), to try to explain this phenomenon under the acoustic approach. The obtained results would reveal the relevancy of an experimental analysis with aim theoretical hypotheses to be tested.

**KEYWORDS:** Acoustic analysis; non-linear phonology; morphology.

### **1 INTRODUÇÃO**

Encontram-se, em *onset* silábico, no português, as soantes palatais /ɲ/ e /λ/, ambas localizadas majoritariamente em posição medial no vocábulo; aquela constitui uma classe natural junto de /m/ e /n/, e esta, outra classe natural, ao lado de /l/. Nas línguas românicas, aliás, tais consoantes tendem a ocorrer em contexto mais restrito que as demais consoantes presentes nesses sistemas. Para só nos atermos à nasal palatal, ilustramos seu comportamento em algumas dessas línguas, inicia-se pelo português, sobre o qual versa o presente estudo.

Segundo Câmara Jr. (1977, p.76-7), historicamente as soantes palatais emergiram no sistema do português pela combinação da consoante “dura” ou não palatalizada correspondente com um [j]. O autor afirma ainda

---

\*\*Email: [cintiaca@terra.com.br](mailto:cintiaca@terra.com.br).

que o fenômeno de palatalização de /n/ e /l/ deu-se exclusivamente em posição intervocálica. A consoante nasal palatal (*nh* ortográfico) ocorre majoritariamente em posição medial (cf. ma[n]a; so[n]o), em raros casos surge em posição inicial, em que, entretanto, tende a ser precedida de uma vogal epentética. Em francês, tal consoante tende a ocorrer em posição intervocálica e em final de palavra (e.g., *mignon* mi[n]on; *digne* di[n]), em início de palavra, entretanto, pouquíssimos são os casos em que marca presença (e.g., *gnole* [n]ole). Tranel (1987, p. 125-127) relata que falantes do inglês como língua materna em situação de aprendizagem do francês como língua segunda, ao entrarem em contato com [ɲ], têm a tendência a produzi-lo como [nj], a exemplo de [peɲõ] *peignons*, do verbo *peindre* 'pintar', produzido como [penjõ], *peinions* do verbo *peiner* 'penar'. Para Calabrese (2005), tal comportamento ([ɲ] -> [nj]) é atestado em diferentes sistemas, o que seria uma evidência da maior complexidade da nasal palatal em contraposição à coronal. Isso parece significar que a unidade sonora que exige a simultaneidade de movimentos articulatorios complexos para os falantes de um dado sistema, no qual tal complexidade não é permitida, tem sua complexidade 'diminuída' no sentido de tornar sequencializado o que, na língua alvo, é simultâneo. Igualmente, é interessante observar que as crianças em fase de aquisição da linguagem empregam diferentes variantes para as palatais lateral e nasal (MATZENAUER, 1999), até o momento em que o sistema é plenamente estabelecido.

Após essa breve exposição, passa-se à descrição e à análise do fenômeno de manutenção da nasalização vocálica no vocábulo derivado, sob a visão de Wetzels (1997; 2000). Deve-se ressaltar que as formas derivadas em -inho não mais carregam a nasal palatal da base. Na tentativa de elucidar tal fenômeno, emprega-se o ferramental PRAAT, versão 5.3 (BOERSMA e WEENINCK, 2013), a fim de trazer aporte empírico para a hipótese de que o falante nativo do PB não costuma confundir realizações tais que [bʃ̃ɲa] < ['bɛɲa] e *bainha* [ba'ĩɲa], já mencionadas, em razão de haver pistas acústicas da soante nasal palatal, ausente da forma derivada com sufixo -inho, sobre a vogal núcleo que permanece no vocábulo derivado. Acrescente-se que tais resultados permitiriam corroborar o modelo da fonologia autosssegmental, proposto por Clements e Hume (1995). Outrossim, referentemente ao trabalho ora proposto, cujos dados foram coletados junto a falantes nativos do português brasileiro, vale ressaltar que ainda que aborde um pequeno corpus, permite apontar para a relevância de uma análise de cunho experimental, dado que hipóteses teóricas podem ser confirmadas ou, ainda, infirmadas, reavivando ainda mais as discussões em torno das relações entre fonética e fonologia.

## 2 A ANÁLISE

No português, vocábulos não verbais cuja sílaba última é constituída do segmento consonantal /ɲ/ seguido de uma vogal átona (padrão CV) quando da anexação do sufixo derivacional -inho – também portador da mencionada nasal palatal – podem apresentar variação nas formas derivadas, a exemplo de *aranha* /araɲa/: [arɛɲa]<sup>1</sup> -> [arɛɲazɪɲa] ~ [arɛĩɲa]). Na variante standard, [arɛɲazɪɲa], são mantidos os segmentos da mencionada sílaba CV, diferentemente do que ocorre na substandard, [arɛĩɲa], em que o *onset* da sílaba CV desaparece, resultando assim uma sílaba V. É nessa variante que se apresentam vocábulos derivados como [arɛĩɲa]. Formas como essa, ainda que não mais carreguem a soante palatal em posição subsequente à vogal heterossilábica que por esta foi nasalizada na forma base, continua a apresentar a nasalização sobre a referida vogal na forma derivada.

Em (1a-b), apresentam-se alguns exemplos de vocábulos derivados, produzidos por falantes nativos do português brasileiro, em contexto de fala não monitorada (1a) e as respectivas formas da variante standard (1b).

<sup>1</sup> Faz-se uma transcrição fonética ampla neste trabalho.

(1)		a)		b)
<i>ba/j/a</i>	->	<i>ba[ĩ]nha</i>	~	<i>banhazinha</i>
<i>casta/j/a</i>	->	<i>casta[ĩ]nha</i>	~	<i>castanhazinha</i>
<i>cego/j/a</i>	->	<i>cego[ĩ]nha</i>	~	<i>cegonhazinha</i>
<i>dese/j/o</i>	->	<i>dese[ĩ]nho</i>	~	<i>desenhozinho</i>
<i>le/j/a</i>	->	<i>le[ĩ]nha</i>	~	<i>lenhazinha</i>
<i>espi/j/a</i>	->	<i>espi[ĩ]nha</i>	~	<i>espinhazinha</i>
<i>medo/j/o</i>	->	<i>medo[ĩ]nho</i>	~	<i>medonhozinho</i>
<i>pamo/j/a</i>	->	<i>pamo[ĩ]nha</i>	~	<i>pamonhazinha</i>
<i>reba/j/o</i>	->	<i>reba[ĩ]nho</i>	~	<i>rebanhozinho</i>
<i>so/j/o</i>	->	<i>so[ĩ]nho</i>	~	<i>sonhozinho</i>
<i>u/j/a</i>	->	<i>u[ĩ]nha</i>	~	<i>unhazinha</i>

Observa-se, em (1a), que os vocábulos com o sufixo derivacional *-inho* – típicos do português coloquial –, não carregam a consoante última da base – a nasal palatal, conforme anteriormente referido. Tal presença, aliás, é rejeitada pela língua, uma vez que desse contexto emergem segmentos adjacentes iguais (e.g. \**reba[n]i[n]o*), ferindo assim o Princípio do Contorno Obrigatório (OCP, do inglês *Obligatory Contour Principle*), que proíbe elementos adjacentes idênticos. Desta feita, o sistema opta por anexar a variante *-zinho* aos vocábulos, em (1b), os quais têm preservada integralmente a base a que se anexam, haja vista *reba[n]ozinho*. Segundo Bisol (2010), essa é uma razão estrutural que estaria guiando tal escolha – a inalterabilidade da base a que o diminutivo se reuniu.

Poder-se-ia supor, no entanto, que na derivação aparecesse a nasal coronal na base (cf. [ŋ] > [n]), à qual se adjungiria então o sufixo *-inho*, tal como se dá com a lateral palatal, que em vocábulo derivado cede seu lugar à lateral coronal (cf. *pa[ʎ]a* -> *pa[l]inha*). Todavia, esse comportamento é uma exceção, dado ser atestado em um único caso – *tamaninho*, como se pode observar em (2) a seguir.

(2)	
<i>tamanho</i>	-> <i>tama[ĩ]nho</i> ( <i>tamanhozinho</i> ~ <i>tama[n]inho</i> )
<i>cegonha</i>	-> <i>cego[ĩ]nha</i> ( <i>cegonhazinha</i> ; * <i>cegoninha</i> (?))
<i>manha</i>	-> <i>ma[ĩ]nha</i> ( <i>manhazinha</i> ; * <i>maninha</i> (?))
<i>senha</i>	-> <i>se[ĩ]nha</i> ( <i>senhazinha</i> ; * <i>seninha</i> (?))

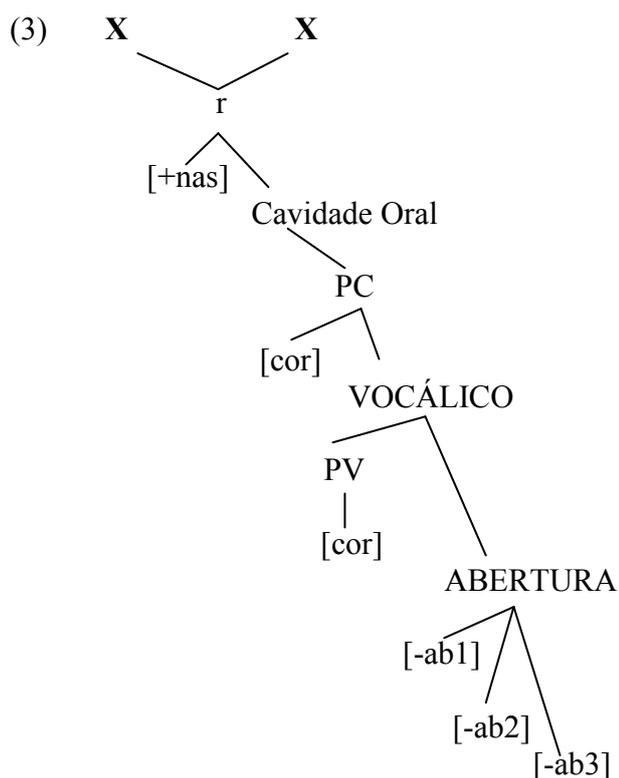
Note-se que se em *tama[n]inho*, tal *tama[n]ozinho*, é conservada a sílaba CV, cujo *onset* é uma nasal – [n] ou [ŋ] –, a mesma estrutura não é mantida nos demais casos entre parênteses, pelo fato de outras formas em *-inho* antecedido da nasal coronal não serem aceitas na língua, como ilustrado em (2), resultando assim as formas com um padrão silábico V (cf. *tama[ĩ]nho*). Enfim, verifica-se que os falantes têm duas opções, porém o interessante é que os mesmos falantes nativos do PB que na fala coloquial optam pela variante em *-inho* (cf. *ba[ŋ]a* -> *ba[ĩ]nha*) e em outros contextos a variante *-zinho* (cf. *ba[ŋ]a* -> *ba[ŋ]azinha*), jamais empregarão formas do tipo \**ba[n]inha*, ou seja, em que haja a nasal coronal na base (cf. *ba[ŋ]a* -> \**ba[n]inha*). Poder-se-ia prever tal comportamento (cf. *ba[ŋ]a* -> \**ba[n]inha*, mas *ba[ĩ]nha*), traçando-se um paralelo com o caso da lateral palatal e da lateral coronal nos mesmos contextos (*palha* -> *pa[l]inha*; *filho* -> *filial* (*fi[l]ial*). Na literatura encontram-se evidências da opção em *-inho* no estilo coloquial (cf. CAGLIARI, 1977, p. 28; 1981, p. 88; *ap.* WETZELS, 1997, p.221).

Consideremos, assim, os seguintes pontos: (i) a nasal palatal, responsável por recobrir de nasalização em 100% dos casos a vogal que se lhe antecede (ABAURRE; PAGOTTO, 1996), desaparece na derivação em *-inho*; contudo (ii) a vogal que, na forma base, é heterossilábica à nasal palatal e por esta é nasalizada, não perde tal informação nas formas derivadas (cf. /*baŋ*/<sub>vt</sub>- [bẽŋa] -> [bẽĩŋa], derivado de *banha*); e (iii) o glide coronal [j] é uma das variantes da nasal palatal (cf. WETZELS, 1997; MATZENAUER, 1999). Feitas essas

considerações, defende-se a ideia de que apesar de a nasal palatal não aparecer na forma derivada, há como recuperá-la; uma evidência para tal seria a de o falante nativo do PB jamais confundir realizações tais que a forma derivada [bẽ'ɲa] < ['bẽɲa] e a forma não derivada *bainha* [ba'ɲa]. Eis o que se pretende mostrar sob a abordagem autosegmental (CLEMENTS; HUME, 1995; WETZELS, 1997; 2000), na seção a seguir.

Refere-se ainda que o processo de nasalização alvo deste estudo é de cunho variável. Fazemos nossas as palavras de Wetzels (2000, p. 8) acerca de a nasalização alofônica resultar da aplicação de uma regra variável, cuja sensibilidade se deve não só à variação linguística, mas à não linguística. Nesta análise inicial, ocupamo-nos tão somente de aspectos linguísticos; logo, fatores não linguísticos que pudessem estar atuando no fenômeno de nasalização não foram investigados, o que fica como tema para outro trabalho.

Passemos a apresentar brevemente a visão autosegmental de Clements e Hume (1995), os quais assumem haver três tipos de segmentos – simples, complexos e de contorno. Os segmentos simples carregam um só nó de raiz e têm somente um traço de articulação oral, a exemplo do segmento coronal [n]; os segmentos complexos, também caracterizados por um só nó de raiz, têm minimamente dois traços de articulação oral, o que representa duas ou mais restrições simultâneas na cavidade oral, tal como o segmento palatal [ɲ]; os segmentos de contorno, por sua vez, apresentam dois nós de raiz, sob uma só unidade temporal – [tʃ] constitui um segmento de contorno porque carrega sequências de diferentes traços, o que o define é o seu contorno. Interessa a este trabalho especialmente o segmento complexo nasal palatal<sup>2</sup>. Para além da informação de estrutura melódica que caracteriza esse segmento como complexo, há da mesma forma uma informação de estrutura prosódica que o identifica como um segmento fonologicamente geminado, ou seja, com duas posições no *slot* temporal, ligados a um só nó de raiz (WETZELS, 1997; 2000). Em (3) ilustra-se a representação da nasal palatal /ɲ/<sup>3</sup>.



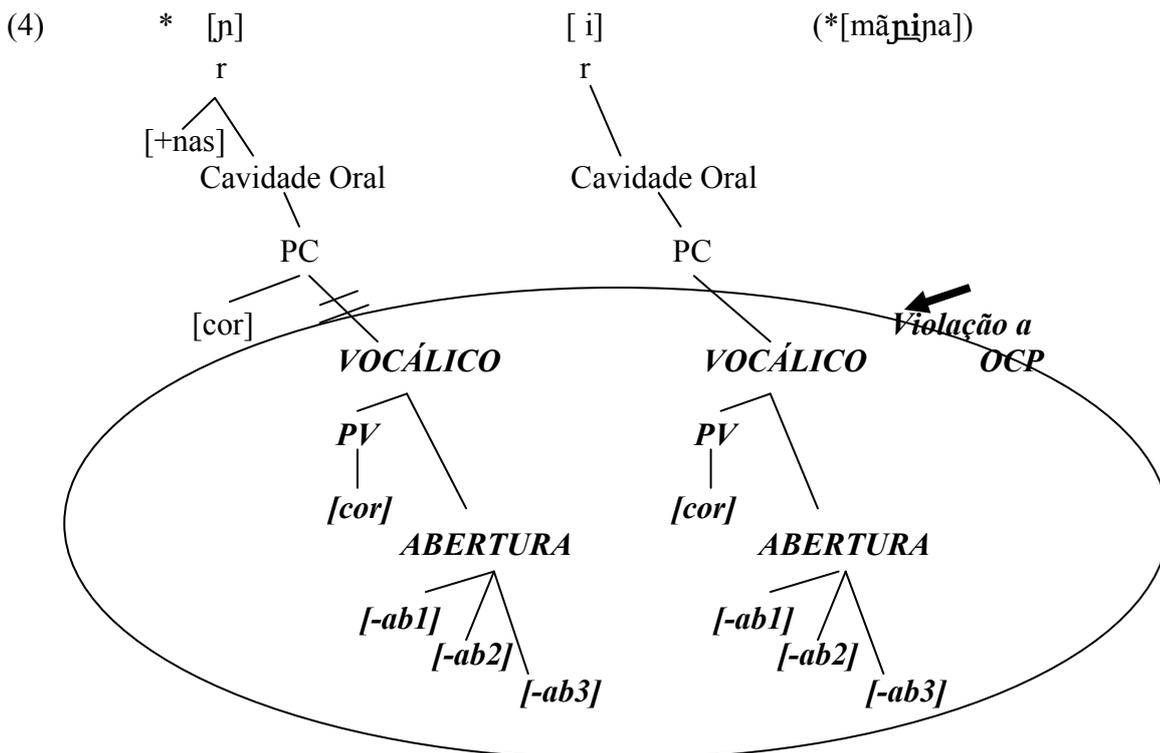
Como se pode observar no diagrama arbóreo, em (3), a nasal palatal é uma consoante geminada por carregar duas unidades temporais ligadas à raiz. Igualmente, é um segmento complexo por apresentar duas articulações no trato oral – uma articulação maior (ou primária) e uma articulação menor (ou secundária). A articulação primária concerne à caracterização do traço de consoante, sob o nó Ponto de Consoante (PC); a articulação secundária diz respeito à informação vocálica que se caracteriza sob os nós Ponto de Vogal (PV) e Abertura, subordinados ao nó Vocálico. Para Wetzels (1997, p. 220-221), a hipótese de as soantes palatais

<sup>2</sup> Lembremo-nos de que o presente trabalho versa sobre a nasal palatal, por isso não fazemos alusão à formalização da lateral palatal; na verdade, a única diferença na formalização de ambas é que a nasal palatal carrega o traço nasal conectado à raiz do segmento.

<sup>3</sup> A formalização da nasal palatal limita-se à apresentação dos traços indispensáveis para a análise.

serem geminadas permite explicar fatos tais que (i) o porquê de a nasalização localizar-se obrigatoriamente antes de /ɲ/; (ii) o motivo por que a presença das soantes palatais no *onset* de uma sílaba no final de palavra é incompatível com o acento proparoxítono, que não aceita uma sílaba pesada pré-final (cf. \*[‘dezeɲu], para *desenho*; \*[‘katarɲi], para *catarse*); e (iii) a razão por que as soantes palatais são proibidas em início de palavra. Além disso, oferece uma explanação simples para o fato de a consoante palatal nunca poder ser precedida por uma rima ramificada, a saber, a sua primeira parte ocupar a segunda posição desta rima, a qual já está então maximamente preenchida.

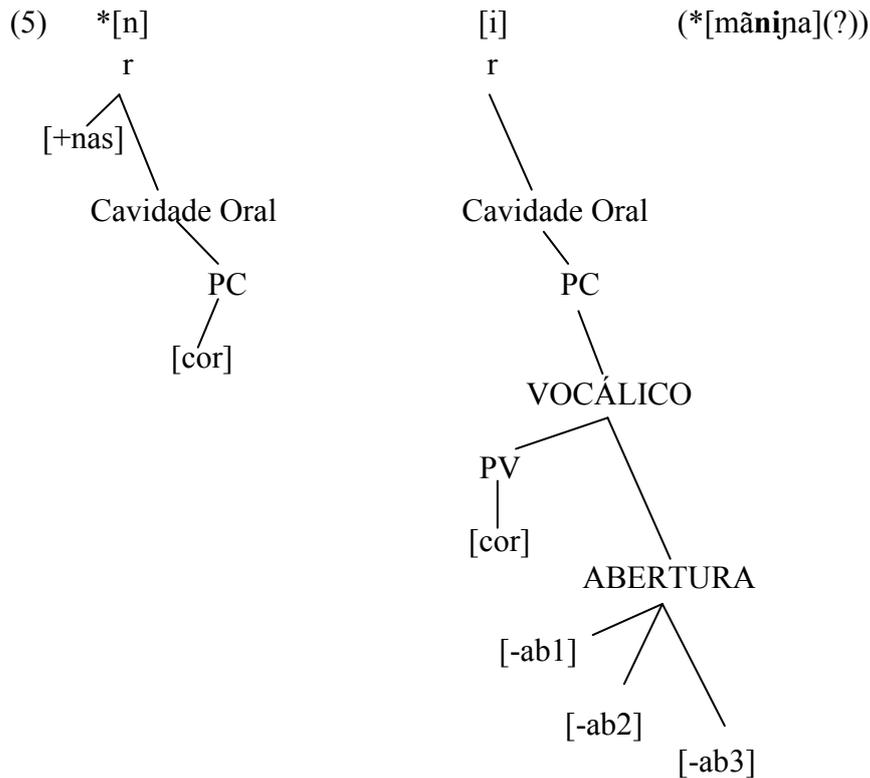
Quanto ao surgimento da nasal coronal, que adviria do desligamento da articulação secundária de /ɲ/, levantou-se a hipótese de tal 'simplificação' ocorrer, tal como se dá com a lateral nasal e a lateral coronal nos vocábulos derivados em *-inho*. Observe-se, em (4), a formalização do mecanismo de desligamento do nó Vocálico, do qual resultaria a nasal coronal, em (5) (cf. \*ma[n]inha (?)).



Em (4), a forma ma[n]inha apresenta dois segmentos adjacentes idênticos, conforme referido anteriormente, o que fere o Princípio do Contorno Obrigatório (OCP) – princípio da teoria autosegmental que proíbe elementos idênticos em contexto adjacente<sup>4</sup>, daí decorrendo uma forma agramatical, convencionalmente marcada por um asterisco (\*ma[n]inha). Ambas as violações de OCP se dão sob o nó Vocálico da consoante complexa, tanto do ponto de vogal (PV) quanto do nó de Abertura, o que é resolvido pelo desligamento do nó Vocálico do segmento complexo, ou seja, da articulação secundária que concerne a traços de vogais, de que resulta a sequência [ni], a nasal coronal seguida da vogal [i], na forma \*ma[n]inha<sup>5</sup>, em (5), o qual seria possível, haja vista o português aceitar *tama[n]inho*.

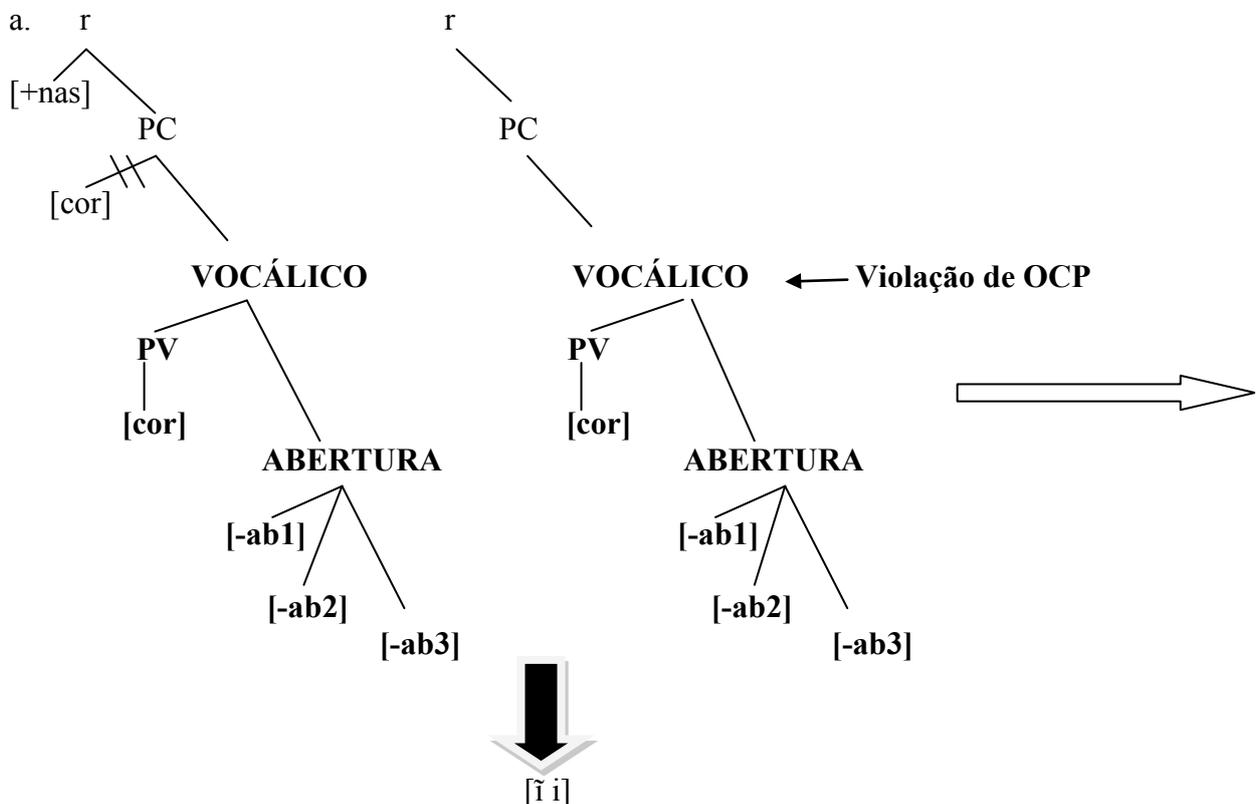
<sup>4</sup> Inicialmente OCP foi postulado para dar conta de informação tonal (LEBEN, 1973) e posteriormente expandido para informação segmental (cf. McCARTHY, 1986).

<sup>5</sup> Poder-se-ia cogitar o caráter de agramaticalidade da forma \*ma[n]inha para *manha*, pelo fato de o português abrigar um outro item lexical representado por tal sequência – o diminutivo de *mana*, porém não para *manha*. Contudo, isso não é relevante para o presente trabalho, pois o que se quer discutir é justamente o que estaria por trás da forma ma[n]inha, em termos estruturais, posto que tal forma é reconhecida pelos falantes do PB como uma das variantes para o vocábulo *manha* em situação de fala informal, ao lado de *manhazinha* em contexto formal. Poder-se-ia mesmo apontar para um contexto de distribuição complementar, cuja motivação, para além de linguística, ser também não linguística, porém não é esse o objetivo a que se propõe este estudo.

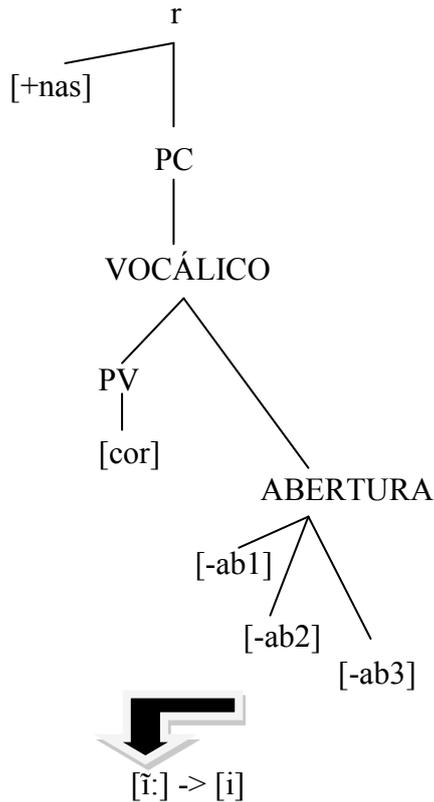


Contudo, essa não é a realidade que se verifica nos dados levantados, nos quais inexistem estruturas desse tipo, salvo o exemplo *tamaninho*. Os falantes do PB não produzem seja na fala informal, seja na formal, algo como (5), para o vocábulo derivado de *manha*, e sim *ma[ĩ]nha*, em (6a-b) apresentado, a seguir.

(6)



b.



À esquerda, em (6a), tem-se o desligamento do traço de articulação maior – [cor] – que caracteriza a consoante, restando apenas aquele da articulação menor, vocálica, com os traços que caracterizam a vogal [i] – aqui representado o glide coronal [j] – variante da nasal palatal. Vale ressaltar que, de acordo com Wetzels (1997), citando Cagliari (1977; 1981), essa é uma motivação independente para que a nasal palatal tenha uma articulação secundária, o fato de no estilo coloquial a constrição primária da consoante palatal poder ser completamente perdida. Assim, formas sem a constrição consonantal podem ser derivadas de maneira simples, a partir da desassociação do traço coronal do nó ponto de consoante, em (6a) ilustrado. Nessa mesma figura, à direita, tem-se a representação da vogal inicial do sufixo de diminutivo -inho; uma vez que ambos os segmentos são adjacentes e idênticos, OCP é violado. Tal violação é então reparada pelo processo de fusão dos nós adjacentes idênticos, de que resulta uma vogal longa, em (6b), a qual posteriormente poderá sofrer um processo de encurtamento, dado que no português não há vogais longas (cf. [ĩ:] -> [ĩ]). Por conseguinte, a vogal nasalizada [ĩ] seria resultado da fusão dos dois segmentos idênticos e posterior encurtamento. Ter-se-ia assim uma perda segmental – a nasalização sobre o [ĩ] resultante, como, por exemplo, em ma[ĩ]nha, adviria de -inho, cuja nasal palatal necessariamente nasaliza a vogal que se lhe precede.

Segundo Abaurre e Pagotto (*op. cit.*, p. 493), aliás, o gatilho da nasalização, sob o enfoque da teoria autosssegmental, consiste na presença de uma consoante nasal intervocálica a partir da qual o traço nasal se espalha para o segmento vocálico heterossilábico da sílaba precedente. Eis o que observamos relativamente ao sufixo de diminutivo. Estaríamos assim diante de um caso de nasalidade vocálica por assimilação, de acordo com esses autores. Entretanto, falta-nos explicar a manutenção da nasalização de que a vogal da base se reveste (cf. [bẽĩɲa], diminutivo de *banha*), uma vez que a nasal palatal desencadeadora do processo, não mais se faz presente na forma diminutiva.

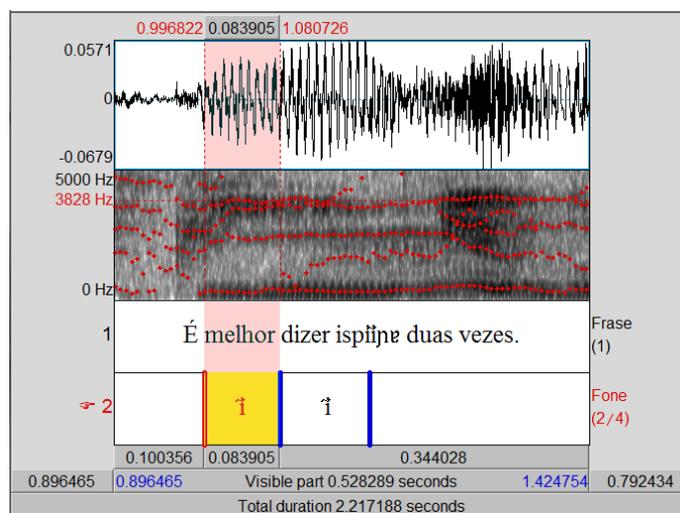
O fato é que se se assumir que toda a informação da nasal palatal é perdida nas formas derivadas em -inho, não há como explicar a presença da nasalidade sobre a vogal que, na forma base, precedia a consoante nasal palatal. Vale lembrar que falantes nativos do PB que produzam o diminutivo de *banha* como a variante [bẽĩɲa] não irão confundir-na com o vocábulo não derivado *bainha* [ba'ĩɲa]). Outrossim, diferentes formas há que atestam haver uma informação da nasal palatal da forma base na forma derivada, ainda que tal consoante não mais se faça presente, haja vista o diminutivo de *peçonha* – [pesõĩɲa], o qual, ao que parece,

não seria confundido com a variante coloquial de *pessoa*, no diminutivo – [peso'ij̃na]. Esses casos seriam, pois, indícios de que a nasalidade assimilada pela vogal que antecede -inho não resulta da anexação desse sufixo à base, mas é uma informação que a base já carrega.

Ilustra-se, a seguir, em (7), um dado coletado e analisado sob o PRAAT (BOERSMA e WEENINCK, *op. cit.*) que permitiria vislumbrar a manutenção da nasalização vocálica no vocábulo derivado, o qual não mais carrega a nasal palatal da base, trazendo, assim, aporte empírico para a proposta teórica de Wetzels (1997; 2000). É necessário referir que o *corpus*, obtido por meio de gravação com equipamento digital, constitui-se de dados de fala controlada – leitura de 26 frases-veículo – e de fala espontânea de três informantes adultos, dois do sexo masculino e um do sexo feminino, falantes nativos do PB, com grau de escolaridade superior.

Em (7), tem-se a frase-veículo “é melhor dizer **espi[i]nha** duas vezes”, produzida por um informante do sexo masculino.

(7)



É possível observar-se que o primeiro “i”, marcado em amarelo, o qual faria parte do radical, precedendo assim a nasal, não é um elemento oral, nem nasal, mas com um grau de nasalização, o qual, não obstante, não é o mesmo da vogal “i” que faz parte do sufixo -inho. No entanto, ainda que ambos tenham graus de nasalização diferentes não podem sofrer fusão, como os dados apontam não ocorrer. Note-se que falantes nativos do português brasileiro jamais produziriam esp[i]nha por espi[i]nha, ou seja, há informação não só de cunho fonológico mas também morfológico que inviabilizam formas como essas. No que respeita à fonética acústica, arriscaríamos referir que é a informação fonológica da nasal palatal, a parte da geminada que não é apagada no vocábulo derivado, que estaria impedindo que se desse uma fusão entre os elementos vocálicos representados em (7), os dois “is”.

Há outras pistas de teor acústico que apontariam para o papel que a informação de nasalidade exerce sobre vocábulos derivados em -inho, os quais poderiam ter a mesma base para um “ouvido incauto”. Isso é o que vemos em formas tais que [ra'ij̃nu], diminutivo de *raio*, e a forma [rẽ'ij̃nu], derivada de *ranho*, as quais, não obstante, jamais seriam confundidas por um falante nativo. Com efeito, eis o único indício na fala de que não se trata de um mesmo item lexical no português, independentemente da variante dialetal do falante. Note-se que, a despeito de mencionar-se a fala como o ambiente detectável dessa suposta informação de cunho fonológico, não há quaisquer necessidades de se recorrer ao contexto. Em outras palavras, coteja-se um par de elementos que apresentam uma só distinção entre si – o traço de nasalidade – de que resulta um novo vocábulo. Em (8a-b), apresenta-se uma lista não exaustiva de vocábulos do português que ilustram o que se ora descreveu.

(8)

a)		b)		
[koroĩ jw]	(~ corozinha)	;	[korõĩ jw]	(~ coronhazinha)
[kuĩ jw]	(~ cuiazinha)	;	[kũĩ jw]	(~ cunhazinha)
[maĩ jw]	(~ maiazinha)	;	[mẽĩ jw]	(~ manhazinha)
[peĩ jw]	(~ peiazinha)	;	[pẽĩ jw]	(~ penhazinha)
[saĩ jw]	(~ saiazinha)	;	[sẽĩ jw]	(~ sanhazinha)
[seĩ jw]	(~ ceiazinha)	;	[sẽĩ jw]	(~ senhazinha)
[gãĩ ju]	(~ gaiozinho)	;	[gẽĩ ju]	(~ ganhozinho)
[raĩ ju]	(~ raiozinho)	;	[rẽĩ ju]	(~ ranhozinho)
[seĩ ju]	(~ seiozinho)	;	[sẽĩ ju]	(~ senhozinho)

Interessa observar que todos os vocábulos, em (8a-b), apresentam o mesmo padrão silábico no contexto-alvo, ou seja, a sílaba precedente àquela na qual o sufixo de diminutivo -inho ocorre, bem como o mesmo padrão acentual. A única informação que permite diferenciar as formas em (8b) das formas em (8a) é o caráter nasalizado da vogal naquelas formas, porém não nestas. Esse aspecto fonético da vogal permite que se evidencie, contudo, uma faceta fonológica da língua – o traço nasal e seu caráter distintivo no português junto a vogais orais – o que é aqui interpretado como um traço remanescente da nasal palatal geminada que perdeu parte de sua informação consonântica na passagem de forma não derivada à derivada em sufixo -inho.

Passa-se, a seguir, às considerações finais deste trabalho.

### 3 CONCLUSÃO

Este estudo inicial pretendeu descrever e analisar, sob o enfoque da teoria autosegmental, o comportamento dos vocábulos derivados em -inho e as respectivas formas base em que se manifesta a nasal palatal. Verificou-se que, a despeito de a nasal palatal não ocorrer nos vocábulos derivados – os quais passam a apresentar uma sílaba V antes CV (cf. [a'rẽj̃na] -> [arẽĩj̃na]) –, a nasalização da vogal que precedia esse segmento consonântico, na forma base, continua a vigorar na forma derivada (cf. [mẽj̃na] -> [mẽĩj̃na]), ainda que o *onset* permaneça vazio. Por conseguinte, acredita-se que, se a nasal palatal do radical, ou forma base, pode ser interpretada como um segmento geminado – cuja nasalidade faria parte da rima da sílaba precedente –, consegue-se entender o porquê de o vocábulo derivado carregar nasalizada a vogal que lá precedia a consoante nasal. O traço nasal seria então uma informação que permitiria resgatar, a qualquer tempo, esse segmento distintivo do português com singular comportamento comparativamente às demais consoantes nasais.

O trabalho ora apresentado, uma incursão inicial nos domínios da fonética acústica, com o auxílio do PRAAT 5.3 (BOERSMA e WEENINCK, 2013) deu-se na tentativa de elucidar o fenômeno de manutenção da nasalização vocálica em vocábulos derivados que não mais carregam a nasal palatal na base. Os resultados encontrados permitem, pois, trazer evidências para a proposta teórica de Wetzels (1997; 2000), relativamente à consoante nasal geminada.

### REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B.; PAGOTTO, E. G. Nasalização no português do Brasil. In: KOCH, I.V. (Ed.). *Gramática do português falado VI*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 491-515.
- BISOL, L. O diminutivo e suas demandas. *D.E.L.T.A.*, v. 26, n. 1, p. 59-85, 2010.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *PRAAT: doing phonetics by computer* (Versão 5.3.48) (Software livre e gratuito). Disponível em: <http://www.praat.org>. Acesso em: 08/05/2013.

CAGLIARI, L. C. Airflow in palatal laterals. *Work in progress*, Edimburgo, v. 10, p. 113-115, 1977.

\_\_\_\_\_. Aspectos aerodinâmicos do Português Brasileiro. In: Francisco da Silva Borba. (Org.). *Filologia e Lingüística*. São Paulo: T.A. Queiroz; EDUSP, 1981. v. 1, p. 105-116.

CALABRESE, A. *Markedness and economy in a derivational model of phonology*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1995. p. 245-306.

CÂMARA Jr., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1977.

\_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1976.

LEBEN, W. *Suprasegmental phonology*. PhD Dissertation. Massachusetts Institute of Technology, 1973.

MATZENAUER, C. L. B. Aquisição da fonologia e implicações teóricas: um estudo sobre as soantes palatais. In: LAMPRECHT, R. R. (Org.). *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 81-94.

McCARTHY, J. OCP effects: gemination and antigemination. *Linguistic Inquiry*, n. 17, p. 207-263, 1986.

TRANEL, B. *The sounds of French: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

WETZELS, W. L. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 5-15, jul./dez., 2000.

\_\_\_\_\_. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, n. 9, p. 203-232, 1997.

***Recebido em 18/10/2013. Aprovado em 30/04/2014.***